



Por Valmir Santos*

Shakespeare semeado

E como fica o plano político em “Othelo” quando a tragédia de Shakespeare inspira uma versão para crianças? Eis apenas uma das questões que nos ocorre quando da proposta que a Companhia Vagalum Tum Tum apresenta no Festivale. Não tínhamos expectativa quanto a mergulhar profundamente em tensões étnicas, geopolíticas e sentimentos demasiado humanos como a inveja e o ciúme implicados na obra. Mas é surpreendente constatar a valorização da personagem Desdêmona, sua autonomia de voo no imbróglio em que é metida, no original, e termina assassinada pelo general Othelo (também comumente grafado Otelo), o marido, sucumbido à cilada de seu subordinado Iago.

Na livre inspiração de Ângelo Brandini, também diretor do espetáculo, tampouco Desdêmona é morta. O desfecho do clássico é subvertido como uma afirmação da vida. Mesmo a Iago não cabe o mero julgamento do tribunal, a punição. Tropeça feio, mas tem lá sua chance de reerguer-se. Nessa gangorra de crueldades e fraquezas, o espetáculo semeia o universo shakespeariano junto ao público infantil – o que não é pouco - e ainda enreda os pais por conta da maneira inteligente como a dramaturgia os trata.

Com formação centrada na figura do palhaço, Brandini diz que escreveu “Othelito” há cerca de 15 anos, mas resistia a trazê-lo à luz por causa do tratamento ousado e pela aura que envolve o autor e às vezes o torna tão distante de todos. Finalmente, dois anos atrás, tomou coragem para explorar as linguagens do circo e da máscara da Commedia Dell’Arte em sua versão para o palco.

Assim, cada um dos personagens da trama tem um pé naquela forma teatral popular surgida no século XVIII e detentora de novas habilidades e técnicas aos atores. Isso faz com que, aqui, a tragédia original desvie para a fábula ou para o seu oposto mesmo, a comédia. E enriquece a possibilidade do jogo entre os arquétipos de Capitão, Pantaleone, Briguela e do par enamorado.





O trabalho da Vagalum tem o mérito semear Shakespeare junto às crianças e capturar pais e responsáveis. A arte do teatro é desvendada. As mutações de figurinos e máscaras acontecem à vista do espectador. O cenário fixa ao fundo telões pintados conforme o andamento da história, como na Commedia Dell'Arte de antigamente, concentrando a atenção nos intérpretes, também senhores da música tocada ao vivo, mesclando capoeira e MPB.

Do elenco original, já que houve substituições em São José, Christiane Galvan exhibe maior apropriação dessa arrojada proposta de dramaturgia e de direção. Sua atuação é precisa, convence no trânsito de um personagem a outro, os dois de gênero oposto, um velho e um jovem. Do mesmo modo, Anderson Spada sai-se bem na composição de seu Briguella/Iago, um conspirador que cativa e dá margem, quem sabe, aos limites da crueldade na criança e aos deslimites nos adultos.

* *Jornalista, autor de históricos de coletivos de Teatro como Armazém Companhia de Teatro, Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz, Parlapatões, Patifes & Paspalhões e Grupo XIX de Teatro. Integra o júri paulista do Prêmio Shell de Teatro. Mestrando na USP. Foi repórter do jornal Folha de S.Paulo (1998-2008).*

